

40º ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS

SPG05

Controvérsias religiosas na contemporaneidade: demandas juvenis e tomada de posição política

"Eu vou lutar!": reflexões sobre a juventude das instituições religiosas e as instituições religiosas da juventude a partir das imagens de luta juvenil.

Elton Colini Gonçalves Zimmermann¹

CAXAMBU

2016

¹ Doutorando em Antropologia pelo PPGA/UFPR. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Introdução

A relação entre juventude e religião tem sido, nas últimas décadas, permeada por desencontros, especialmente se considerarmos a religião dentro das instituições, ou seja, nas igrejas. O envelhecimento da população, questão que afeta parte considerável das sociedades ocidentais, afeta em especial as igrejas. Para muitas destas, o envelhecimento torna-se um problema ainda mais grave, pois, somada às alterações na pirâmide etária da população, há também uma crescente dificuldade de manter os jovens fieis às instituições, expressão daquilo que Hervieu-Leger (2008) denomina “crise de transmissão”. O censo brasileiro de 2010 mostra que é entre esta população que mais cresce o contingente dos “sem religião”, o que parece apontar menos para uma secularização da juventude (como já indicava NOVAES 2004) e mais para transformações na religiosidade, cada vez menos dependente de adesões e vínculos institucionais (MAFRA 2013, NOVAES 2013). Na tentativa de se inverter esta tendência, muitas igrejas têm adotado estratégias de atração de jovens mediante a promoção de espaços e atividades voltados exclusivamente a este público. As Jornadas Mundiais da Juventude, promovidas pela Igreja Católica talvez sejam o caso de mais visibilidade na mídia, mas pelo lado evangélico, eventos como acampamentos, marchas e carnavais “para Jesus” estão já consolidados no calendário cristão.

Algumas dessas estratégias de atração de jovens podem ter sucesso desmedido na incorporação das culturas juvenis no contexto das igrejas evangélicas, de forma que a juventude, pela importância que ali adquire, passa a disputar o protagonismo das próprias igrejas. Eventualmente, tais disputas podem acarretar processos de cisão que dão origem a novas igrejas. Nestas, a juventude deixa de estar circunscrita a um *ministério de jovens* e passa a assumir o protagonismo na construção da sua vida simbólica, ritual e social. Estas são as igrejas a que chamo de *Igrejas de Jovens*, ou seja, igrejas que incorporam a juventude como sua principal característica, deixando comprometida a relação intergeracional que frequentemente caracteriza instituições que se propõem a se perpetuar no tempo.

No presente paper, apresento dois casos de igrejas de jovens, a Bola de Neve Church e a Onda Dura, e inicio algumas reflexões sobre as formas como estas tratam um dos aspectos que têm sido frequentemente associados à categoria social de juventude: sua dimensão política. Mais especificamente, discorro sobre como valores de protagonismo juvenil e potencial transformador da sociedade são incorporados pelas igrejas na construção de seu ideal de pessoa cristã e investigo como, nestas, a incorporação de tais valores se relaciona de forma às vezes difícil com sujeitos e grupos de jovens seculares que mobilizam os mesmos valores na constituição de sua ação política, dando origem a controvérsias nas quais tais valores acabam sendo disputados. Ao mesmo tempo, busco, com esse esforço comparativo, compreender as distinções e semelhanças entre as igrejas à luz do aspecto geracional, acionada discursivamente por ambas as igrejas, à medida que uma delas se constrói como Igreja de Jovens a partir de um referencial de juventude associado à Geração X enquanto a outra o faz a partir da assim denominada Geração Y.

Para este trabalho, utilizo dados de dois tipos. No caso da Bola de Neve Church utilizo dados de pesquisa de campo realizada durante o ano de 2012 na igreja da Bola de Neve na cidade de Paranaguá, no Paraná, e também dados extraídos de pesquisa virtual no perfil da igreja e de seu fundador, Apóstolo Rinaldo Seixas (Ap. Rina) na rede social Facebook. Para a Onda Dura, utilizo dados extraídos também do Facebook, bem como vídeos do website Youtube e, apenas complementarmente, informações obtidas em visita à igreja na cidade de Joinville, Santa Catarina, e em conversas com alguns dos envolvidos na controvérsia analisada. A utilização de Novas Tecnologias de Interação e Comunicação na pesquisa se justifica por ser através delas que a ação política das juventudes contemporâneas vêm se construindo (GALINDO RAMIREZ, 2012; FEIXA 2011). O recurso a fóruns públicos de debate também oferece a oportunidade, mediante o estabelecimento de “relações sem contexto” (FERNANDES 2007) do acompanhamento de enfrentamentos e disputas entre sujeitos e grupos que frequentemente encontram-se apartados no espaço da cidade, sendo o ambiente virtual um território aberto a contatos e debates improváveis na esfera do mundo não virtual.

A tradição em uma igreja de jovens

Estive em campo, realizando a pesquisa que resultaria em dissertação de mestrado (ZIMMERMANN, 2013) sobre a articulação entre *juventude* e religiosidade em uma igreja evangélica, durante o ano de 2012. A igreja em questão é a Bola de Neve Church, mais especificamente a Bola de Neve Church² da cidade de Paranaguá, no litoral do Paraná e as ramificações que daí começavam a se constituir. Sendo a BNC notória como a “igreja dos surfistas” e sendo frequentada (também liderada e organizada, em muitos casos) por sujeitos socialmente entendidos “jovens”, entre adolescentes e universitários, a juventude era, evidentemente, uma das minhas questões de pesquisa.

Inicialmente entendia a juventude como uma etapa da vida marcada entre a infância e a adultez. Esta seria atravessada por marcadores sociais mais ou menos condensados na ideia de que se trata de uma etapa de “moratória social”³, ou seja, no entendimento algo funcionalista segundo o qual a juventude é um período de transição em que, embora fisicamente completos, os sujeitos não são vistos ainda como “membros efetivos” da sociedade em que vivem, pois sobre eles uma série de exigências sociais (especialmente trabalho, moradia independente e casamento) estariam suspensas até sua formação moral completa.

A caracterização da juventude a partir da sua condição de moratória social, embora de difícil aceitação como explicação universal, como critica Bourdieu (1983), lembrando que as juventudes são diferentes de acordo com a classe (a que poderíamos adicionar imediatamente: gênero e raça), a princípio se adaptaria relativamente bem à membresia e à frequência da BNC. Sendo a prática de esportes, de artes e o lazer os principais eixos articuladores da sociabilidade na igreja (e da igreja), ao lado dos compromissos litúrgicos e evangelizadores, a imagem do fiel da BNC, tanto auto quanto heteroconstruída,

² Doravante, apenas BNC.

³ Conceito aparentemente introduzido por Erikson (1978), psicólogo, mas que se difundiu prodigamente sobre a literatura sociológica da juventude. Para um resumo do debate acerca da expressão, ver GROPPPO, 2015.

não foge muito à do jovem de classe média com tempo livre para o desenvolvimento de atividades lúdicas ou simples gozo do ócio.

Não descartando as especificidades da frequência a cada templo da BNC pelo Brasil, a primeira coisa que poderia dizer a respeito de tal imagem, a partir da minha experiência da BNC de Paranaguá, no entanto, é que ela se adequa relativamente mal à realidade empírica observada. Em parte, isso se deve justamente ao que à crítica sociológica chama a atenção: porção considerável dos frequentadores da igreja⁴, incluindo o pastor e a totalidade do diaconato, é oriunda da classe trabalhadora, constituindo-se como força laboral desde a conclusão do ensino médio ou mesmo antes. Não são, portanto, jovens temporariamente “poupados” de suas responsabilidades sociais, ao menos não no que diz respeito à sua produtividade econômica. À parte esta condição, no entanto, seria ainda incorreto afirmar que o lazer e o gozo do ócio sejam preocupações inexistentes ou mesmo periféricas para os frequentadores da igreja, em detrimento de eventuais preocupações inerentes à sua situação de classe. Não é à toa que a igreja busca articular e ampliar sua membresia através da promoção de atividades como futebol, corrida, dança, música, teatro, motoclubes, festas, pra não mencionar a própria experiência do culto ao som de reggae e do rock.

Isso apenas nos lembra que as correlações entre aspectos econômicos e culturais são concretas, mas não imediatas, e que a juventude tem potencial de fazer emergirem também linguagens universais em paralelo a expressões mais solidamente ancoradas nas posições de classe. Dessa forma, não é impossível observarmos os supostos produtos da moratória social (as culturas juvenis de classe média) sem necessariamente a existência da própria condição de moratória. Durante a pesquisa na BNC, estas reflexões vieram através de uma constatação: juventude e vida adulta, ali, não se prestavam a algum tipo de oposição. Observei em campo que juventude e adultez não se prestavam a um encadeamento mutuamente excludente. Os irmãos tornavam-se adultos, ou seja, assumiam suas “responsabilidades” de adultos, mantendo-se jovens na

⁴ Pesquisa quantitativa sistemática não foi realizada, estando tal afirmação baseada na observação, em entrevistas e em conversas informais com os membros da igreja.

igreja. Isso significa que os sujeitos frequentemente se reconheciam concomitantemente jovens e adultos, ultrapassando os limites mais convencionais da juventude cronológica e adentrando a maturidade social sem que suas juventudes saíssem do horizonte.

Não há dúvida, no entanto, que parte considerável da frequência à BNC encontre nela um espaço propício ao que entendem como exercício de sua juventude, frequentemente constrangida (assumindo provisoriamente que esta juventude existe antes de sua realização) nos contextos de igrejas adultocêntricas ou mesmo gerontocêntricas. Estas, frequentemente as igrejas de origem dos membros da BNC, operando segundo a lógica que Margaret Mead (1970) atribui ao que chama de sociedades pós-figurativas, frequentemente têm nos adultos e idosos uma espécie de depósito moral e intelectual de onde os jovens tirariam as referências de “como ser”. Na BNC, no entanto, apesar de ter observado em campo certa política de boa vizinhança com as demais igrejas evangélicas, ouvia com muita frequência críticas à “tradição” na igreja, “ao que vem do tempo dos antigos”, especialmente no entendimento de que a tradição é do domínio da *religiosidade*, ou seja, das práticas mecânicas de uma fé *esfriada*, mais preocupada com usos e costumes que com um *coração quebrantado*.

O que temos, portanto, é uma igreja que se constitui como espaço articulador de atividades lúdicas e de prazer, para, entretanto, ir além daí. Sem nunca pender para a austeridade de uma igreja “de adultos”, ouvi não apenas uma vez o Pastor de Paranaguá afirmar, do púlpito, que “isso aqui não é um clube”, como que para lembrar seu rebanho que eventualmente parece esquecer estar, afinal, em uma igreja. Esquecimento, como vimos, nada fortuito, uma vez que não parecer uma igreja é a primeira e principal marcada da BNC, sua principal obra de publicidade. Uma prancha de surf não ocupa o local de púlpito impunemente. Eis aí a contradição que lhes interessa: ser uma igreja sem parecer uma; não parecer uma igreja, mas sê-la; manter-se jovem, assumindo as responsabilidades de adultos. E, nesse contexto, ser uma igreja assume um sentido agudamente formativo: ela constrói pessoas. E um dos principais elementos da construção destas pessoas é a formação moral, a “formação de cidadãos”, nas palavras do pastor. Receber jovens *perdidos*,

frequentemente com histórico de abuso de drogas e brigas com a família, e transformá-los em bons funcionários e boas funcionárias, bons pais e boas mães, bons esposos e boas esposas. Esta é a missão da igreja na terra. Mas qual a novidade?

O que especifica a BNC como uma igreja de jovens é justamente a ruptura com a tradição adultocêntrica a que nos referíamos anteriormente. O seu surgimento, um desmembramento da Igreja Apostólica Renascer em Cristo, em 1999, é a coroação de uma problemática história de tensão entre jovens e suas igrejas, desde os anos 60 cada vez mais instadas a construir espaços para acomodá-los (ver CUNHA 2007). A *Renascer* inova ao trazer os jovens para o foco de seu evangelismo e para o centro de sua liturgia (ver SIEPIERSKI 2001, DOLGHIE 2004). Quando o espaço nesta igreja torna-se pequeno demais, o então Ministério Bola de Neve rompe com sua igreja mãe, transformando-se em Igreja e trazendo a juventude para seu primeiro plano, incorporando sonoridades, léxico, e inúmeros símbolos das culturas juvenis ao núcleo de sua vida cerimonial. Experiências de juventude passam a ser os mediadores da própria experiência religiosa. “Ser cristão é muito louco”, foi seu slogan por algum tempo.

Paulatinamente, *ser cristão* e *ser jovem* foram se equacionando. Não haveria mais disputas, não haveria mais passagem do grupo de jovens, do ministério de jovens ou do conjunto de jovens, para, digamos, a membresia efetiva, adulta, frequentemente marcada pelo casamento, pela mudança nos interesses, nos hábitos. Não pretendendo ignorar a existência de clivagens etárias dentro da Bola de Neve, não seria exagerado afirmar que, nela, todos são paradigmaticamente jovens, mesmo depois de rumarem vida adulta a dentro. Sem nunca ter dito isso, a Bola de Neve apareceu como uma espécie de fonte da eterna juventude gospel. E aí está a novidade.

O *amadurecimento*, conceito central nas pregações da BNC de Paranaguá e que em grande parte significa o processo de tomada de consciência e responsabilidades sociais⁵, ali não acontece às expensas da juventude naquilo

⁵ Lembrar sempre que o bom cristão é aí aproximado ao cidadão.

que a caracteriza em seus hábitos e práticas, ou seja, no gozo do lazer, dos esportes, na sociabilidade noturna, na música, na informalidade no falar, no andar e no trajar. Submetendo o tornar-se adulto aos valores de uma juventude continuada, a BNC atualiza, no contexto das igrejas evangélicas brasileiras, a própria ideia de juventude. Afinal, apesar de parecer pouco significativo o movimento de juvenilização da vida adulta, uma vez ser este um processo já bastante conhecido e difundido nas sociedades ocidentais contemporâneas (DEBERT, 2010; TUCHERMAN, 2004), no universo evangélico brasileiro, permeado valores conservadores, tal movimento não é tão pacífico⁶. Uma consulta rápida às críticas que a BNC recebe de dentro deste universo é suficiente para deixar isso claro. Além da ruptura com os valores adulto e gerontocráticos, um dos maiores desafios que a incorporação plena da *juventude* via juventudes seculares oferece às igrejas evangélicas, especialmente às pentecostais, é a aparente diluição das fronteiras do dentro e fora, de grande importância na manutenção de uma visão de mundo fundada na separação de salvos e não salvos. A ausência de sinais de salvação evidentes⁷, reconhecidos na performance corporal/estética do *novo homem*, sempre de cabelo cortado e roupa social, quando não de terno e gravata, que abandona velhos hábitos, faz do fiel da BNC ainda um *outsider* dentro do meio evangélico⁸.

No entanto, o que nos importa na incorporação da juventude pela BNC, aqui, é menos a juvenilização da vida adulta que as redefinições na própria

⁶ É preciso ressaltar que a Bola de Neve Church não é a única igreja de jovens no Brasil, como o próprio paper revela, mas certamente é aquela numericamente mais bem sucedida, até o presente momento. Para um levantamento dos vários ministérios e igrejas com trabalhos de evangelização pelo rock, ver Jungblut (2007), "A salvação pelo Rock: sobre a cena 'underground' dos jovens evangélicos no Brasil.

⁷ Não me refiro aos dons do Espírito Santo, estes muito visíveis nos cultos, especialmente o falar em línguas e a profecia.

⁸ Importante frisar que esta problemática de forma alguma se encerra aqui. A "imagem" da BNC e seus fieis dentro do campo evangélico, construída simultaneamente pela própria igreja e pelas demais, sejam mais ou menos próximas a ela, está longe de corresponder a uma verdade acabada. Muito pelo contrário. O que se observa no cotidiano da igreja é um contínuo jogo de espelhos no qual uma imagem reflete outra imagem, de forma que significado e significante vão se tornando pouco evidentes. Estando sempre posicionada simultaneamente no campo da juventude e no campo evangélico, a igreja continuamente precisa "falsear" esta imagem de forma a manter-se sempre aberta a novas significações. Vários bordões correntes na igreja reafirmam esta ubiquidade, essa polissemia latente, como "Nem parece uma igreja" ou "igreja fora da igreja". Ao fim, a igreja não está desmanchando fronteiras, mas continuamente fazendo-as e refazendo-as. Não à toa a igreja precisa responder ao mesmo tempo as acusações de ser falsamente liberal de um lado e de ser falsamente evangélica de outro.

juventude que a constituição de uma igreja de jovens proporciona. Na ausência de “adultos”, todas as responsabilidades pelo funcionamento da igreja recaem sobre os jovens. Da limpeza e organização do ambiente à ministração da *palavra*, passando pelo ministério de louvor, pela lojinha, pela cantina, pela segurança das pessoas e dos veículos e pelo cuidado das crianças, infraestrutura básica que facilmente mobilizava cerca de 30 pessoas para a viabilização de um culto em Paranaguá, pouquíssimos eram os que passavam dos 30 anos. E aqueles que haviam deixado pra trás a juventude cronológica, certamente não o haviam feito com relação à juventude social e cultural. Isso não quer dizer que não havia adultos⁹, ou mesmo idosos nos cultos, mas sim que a presença destes era tão destoante que servia como um lembrete. Eram a exceção que confirmava a regra. Na BNC, em geral, são os filhos que levam os pais à igreja.

Protagonismo e agência juvenil

Mais do que simplesmente fazer a igreja funcionar, os jovens são frequentemente entendidos na BNC como aqueles sobre os quais pesam as maiores responsabilidades no mundo. Partindo do postulado de que vivemos em um mundo imperfeito, frequentemente visto como decadente, postulado este assumido pela maioria dos pregadores¹⁰, era muito comum que as ministrações atribuíssem aos jovens a responsabilidade de transformá-lo. “Uma geração que se levanta” é uma expressão recorrente para se referir ao momento histórico vivido e frequentemente associada, por um lado, à contemplação de uma igreja cheia e, por outro, aos desafios que esta *geração* teria pela frente. A partir do registro geracional, os jovens recebem uma espécie de *superagência* para que possam levar adiante a missão *restauradora* no mundo. Coerentes com a prática do duplo registro, ou seja, de se enxergarem e se inscreverem no mundo simultaneamente a partir do registro juvenil e evangélico, os tropos do

⁹ Para evitar explicações repetitivas, entenda-se adulto o sujeito que ultrapassou a juventude cronológica e cultural.

¹⁰ Na igreja de Paranaguá, durante os anos de 2012 e 2013 era comum que diáconos assumissem a *palavra* na ausência do Pastor.

protagonismo juvenil e o da *missão espiritual* frequentemente caminham juntos, fundem-se em uma só coisa. Realizar-se como cristão é realizar-se como jovem.

É assim que fazem uma leitura juvenil, por exemplo, da teologia da batalha espiritual, amplamente disseminada no pentecostalismo brasileiro (MARIZ, 1999). Nesse contexto, o jovem é o *soldado* convocado para lutar nas hostes de Deus contra *principados e potestades*. As virtudes entendidas como juvenis, ou seja, a força, a disposição, a espontaneidade de quem tem uma espiritualidade *quente*, ou seja, que não foi *resfriada* pelo hábito, pela acomodação da vida adulta, das formalidades, das obrigações, enfim, da religiosidade¹¹, transformavam os jovens na *Tropa de Elite* de Cristo na terra. A linguagem do ardor, do desejo, da libido, eram frequentemente acionadas para se referir ao jovem que *busca a Deus*. Mas buscar a Deus, nesse contexto, nunca é uma atividade encerrada no próprio sujeito. Há uma tensão constante que sempre impele os sujeitos para o exterior. É como se no trajeto entre o sujeito e Deus estivesse o mundo. *Aceitar a Deus, restaurar-se*, não é mais que o primeiro passo. Na *caminhada* ideal, a partir desse ponto inicial o cristão deve tornar-se um *agente do reino*, irradiando transformação, ou seja, restauração por onde anda. Começando pela própria família, a quem muitos dos jovens da BNC entendem como principal missão sua *restauração*, passando pelos amigos, depois os colegas de trabalho, depois os “conhecidos” e assim por diante num movimento centrífugo cujo destino final é o mundo todo. Os sujeitos devem todos ser conscientes das suas limitações. Enfrentar uma luta mais forte do que aquela para a qual estão aptos é sujeitar-se à derrota, à queda. Entretanto, por outro lado, conforme se fortalece na *caminhada*, espera-se que o irmão *corresponda*, assumindo suas responsabilidades. Aquele que não o faz, fica estagnado, o que o torna vulnerável à ação do *inimigo*. Uma preferência explícita às modalidades ativas de ação em detrimento das passivas ou contemplativas corresponde a um cosmos em desequilíbrio em que a única forma de manter-se em pé e se movimentando.

¹¹ Aproximando-se, nesse momento, do que Feixa (2011) chama de modelo Tarzán de juventude, estreitamente vinculado a uma ideia alg o rousseauniana de natureza humana.

O mundo é sempre o destino final da ação dos membros da BNC. É nele que seus membros devem agir, efetivar o ideal da *igreja fora da igreja*. Um de meus interlocutores, quando questionado sobre a relação com seus amigos da pista (*de skate*), relatou que, quando se converteu, precisou afastar-se para “se fortalecer”, mas que, num segundo momento, retornou ao convívio com seus amigos. Esse retorno, mais uma vez, precisa ser entendido no duplo registro. Se, por um lado, o *entendimento* é de que a vida em Cristo não deve restringir os sujeitos das práticas e sociabilidade juvenil de que tanto gostam (excluindo o que entendem por vícios e hábitos danosos) e que veem como fundadas na autenticidade de cada sujeito (“aqui Deus te aceita como você é”), por outro, a simples presença do cristão nos ambientes mundanos, mesmo aqueles, por exemplo, em que o consumo de álcool e drogas é recorrente, é vista como importante, pois é exatamente ali que ele deve agir. O cristão deve irradiar restauração. Isso não significa um esforço proselitista contínuo. Entendendo como óbvio o valor da vida cristã, os membros da BNC de Paranaguá depositam grande confiança no convencimento pelo exemplo. O simples praticar o que entendem como valores cristãos sem o custo do sacrifício da juventude teria uma eficácia inerente. Isso não deve ser entendido como um ato passivo. O cristão jamais deve renegar sua fé, tendo de estar sempre pronto para defendê-la e promove-la quando oportuno. De fato, a maioria dos convertidos na BNC chega pelas mãos de algum amigo.

O discurso da ação no mundo frequentemente assume um tom político. Embora, devido às especificidades da cosmovisão permeada de sobrenaturalidade, este mundo não seja visto como produto histórico fruto exclusivo da ação dos homens e mulheres que sobre ele agem, a agência de que são dotados tem como *visão* a construção de um mundo entendido como melhor. Independente do fato do decaimento ser resultado da dialética do bem contra o mal, de Deus contra o Diabo, os sujeitos se enxergam como sujeitos ativos de quem a vitória final (que culminará com o retorno de Cristo) depende. Este valor transformador, como já dito, frequentemente associado à condição juvenil dos fieis, não corrompidos pelo mundo adulto, com todas as limitações nela implicadas (e há muitas), *converte* a ação política em ação espiritual.

Ellwood, quando fala da conversão de jovens hippies ao movimento *Evangelical* que ficou conhecido como *Jesus Movement*, nos EUA do início dos anos 70, afirmava que, embora a passagem fosse permeada de continuidades no plano cultural (roupas, linguagem, musicalidade, hábitos), no que diz respeito à ação transformadora no mundo (central na filosofia do *Flower Power*), “a política se transforma antes em cruzada que em tecnologia política” (Ellwood, 1973: 20). Assim parece ser com a BNC, com suas mutuas continuidades no campo cultural da juventude secular à evangélica, mas com a quase nenhuma recuperação das dimensões políticas da juventude.

A BNC e as Jornadas de Junho

Uma das principais implicações dessa *conversão*, ou dessa captura do político pelo religioso, no caso da BNC, é o fato da ação transformadora do mundo ser frequentemente entendida como restauradora, ou seja, que tem como propósito antes o retorno a uma situação entendida como anteriormente perdida que a construção de uma realidade totalmente nova. Isso provoca uma espécie de contradição interna nos esforços da igreja de se estabelecer no campo evangélico a partir da crítica juvenil a este, à medida que o caráter aberto, contingencial e inovador da juventude acaba sendo anulado por posições muito menos críticas no que diz respeito à atuação no mundo.

Foi assim que em 05 de Junho de 2013, às vésperas das inesperadas Jornadas de Junho, membros da BNC integraram “manifestação pela liberdade religiosa e de expressão, pela vida e família tradicional”, convocada pelo Pastor Silas Malafaia, que ocupou a esplanada dos ministérios, em Brasília, com sua pauta conservadora. Nesse momento, a igreja que prometia ser diferente, estando mais aberta às transformações na sociedade brasileira através da vocalização das juventudes, acaba fazendo coro com as vozes da tradição¹², justificando os argumentos de seus críticos de que nada mais é que *vinho novo*

¹² Posição que, no fim, só reafirma a postura cotidiana da igreja que jamais sinalizou a relativização da sexualidade e da família, ali entendidas de forma estritamente heterossexual.

em odres velhos, por não conseguir (ou desejar) promover no campo moral e político a inovação que promove no campo cultural.

Poucos dias depois, começam a se desenhar as *Jornadas*, a partir de manifestações de rua organizadas pelo Movimento Passe-Livre contra o aumento nas tarifas do transporte coletivo da cidade de São Paulo, mas que rapidamente se transformaram em uma massiva onda de protestos que levaram milhões de jovens às ruas de todo o Brasil naquele mês. Na pauta, além de reivindicações acerca da mobilidade urbana e do acesso às cidades, incorporaram-se demandas na melhoria dos serviços públicos e no combate à corrupção.

Instada a se posicionar, após dias de silêncio, a BNC o fez em 18 de Junho, na figura do seu pastor, Apóstolo Rina. Em manifestação, Rina falava aos seus fieis, a partir de sua página no facebook:

O grito entalado na garganta, a indignação e a revolta que eram como um clamor sufocado, agora ganham voz. Surpreendentemente, quando a atenção da população deveria estar sendo consumida pelo futebol da seleção, temos assistido a nossa nação despertando de um sono de mais de duas décadas, quando, de cara pintada, uma geração saiu às ruas, exigindo que sua luta pelo direito de votar, em eleições diretas, não fosse vão.

Me confesso incomodado com a apatia e a alienação política da geração seguinte; a juventude que tem poder para oxigenar, mobilizar, influenciar e inspirar o Brasil se mostrou desinteressada, descompromissada, evitou o envolvimento, cansou de política.

Para iniciar seu comentário sobre o movimento que saltava aos olhos, a primeira imagem evocada é o movimento dos caras-pintadas (1992), majoritariamente juvenil, inadequadamente relacionado ao movimento das Diretas Já (1983-1984), em torno do qual diversos atores políticos já consagrados se articularam. A referência aos caras-pintadas revela a perspectiva geracional adotada pelo Apóstolo Rina nos conduz imediatamente à sua percepção de juventude, mediada pelas imagens da Geração X¹³, a

¹³ Desmembrada da Igreja Apostólica Renascer em Cristo em 1999, mas presente como ministério evangelístico dentro dela desde meados dos anos 90, a Bola de Neve voltava-se,

juventude que inspirou a Bola de Neve e que teve no movimento dos Caras-Pintada talvez seu ápice de protagonismo político no Brasil. Rina, que tinha já 42 anos de idade em 2013 esforçava-se por entender a juventude deste momento a partir da sua própria juventude. Incapaz de fazê-lo com sucesso uma vez que os mais de vinte anos separando este movimento das *Jornadas de Junho* dão a estas uma qualidade sensível diferente. Rina então reconhece, sempre mantendo a clivagem geracional, que o protagonista da vez é outro e, para entendê-lo, convoca uma geração ainda mais antiga para servir como parâmetro¹⁴.

Hoje vemos um embrião se formando, algo que nos faz lembrar do movimento estudantil da década de setenta, um impacto vigoroso, milhares de pessoas nas ruas, em tantas capitais, se organizando por uma causa, se envolvendo de verdade, com sede de transformação. Os 0,20 foram o pretexto para uma geração, a geração Y, que agora passa a influenciar diretamente a sociedade, gritar para quem precisa ouvir: "nós existimos, não somos massa de manobra, não seremos manipulados, conhecemos nossa força; é melhor vocês nos respeitarem, nós somos o futuro. Temos ideais, temos virtudes, temos um destino; não vamos desistir do Brasil, vamos desistir de vocês".

A menção à juventude dos anos setenta (aqui interpretadas como mais adequadamente a dos anos 60), reporta-nos diretamente às qualidades frequentemente atribuídas à juventude pois foi nessa época que a juventude surgiu na sociedade e na produção acadêmica como "sujeitos ativos, contestadores das condições políticas, sociais, econômicas e culturais" (BORELLI e OLIVEIRA 2010: 62). A analogia esclarece, portanto, o reconhecimento na juventude de 2013 de uma espécie de potencialidade juvenil adormecida. Logo em seguida, contudo, Rina passa a elencar os riscos dessa potencialidade:

sobretudo, para a juventude da geração X. Refkalefsky e Durães (2007) chegam a citar trecho do website da igreja que, ainda em 2006, dizia esta "ser uma Igreja centrada em Deus, voltada para a X-Generation". Na ocasião, os autores já apontavam para a inadequação do termo, afirmando ser mais adequado o uso conceitual de "geração y" para o público atingido pela igreja. Há alguns anos, de fato, não se encontra mais referência alguma à geração x no referido website, possivelmente porque tal referência destoa do ideal de igreja pautada pelos interesses da juventude.

¹⁴ Mais uma vez, aqui, Rina parece se equivocar, tendo em mente o movimento dos anos 60, anteriormente ao seu desmantelamento pelo Regime Militar.

Por outro lado, reconheço os perigos de uma explosão sem liderança; sem objetivos claros, sem alvos definidos, sabemos de onde saímos mas não sabemos para onde vamos. O que torna o que é puro e verdadeiro em um mover vulnerável aos mesmos lobos e aves de rapina que se aproveitaram de movimentos assim no passado.

Levantada a suspeição, Rina, como muitos outros atores políticos naquele momento, passa a sugerir uma agenda de lutas para as juventudes de 2013 que não correspondia ou até mesmo contrariava as demandas surgidas nas ruas, como a redução da carga tributária. A liderança máxima da BNC, talvez sem perceber, agenciava as juventudes para preocupações tipicamente adultocêntricas, através da luta por “mudanças que surtem efeito duradouro, que melhore o Brasil para nossos filhos e netos” quando os que estavam nas ruas já eram os filhos e netos da Geração X.

O esforço de leitura do contexto político juvenil das Jornadas de Junho por sobre os ombros de Rina permite-nos dois rápidos comentários. Por um lado, fica claro como o processo de adultificação das juventudes (o contrafluxo da juvenilização da vida adulta e assumindo aqui o adulto como o polo estável em relação ao jovem, polo instável) na BNC pode agir no sentido da negação das juventudes concretas. Em segundo lugar, o esforço que Rina faz para compreender as juventudes de 2013, tendo em mente que ele é a liderança de uma igreja que recebe parte considerável dessa juventude em seus espaços, leva-nos a pensar sobre a capacidade de uma instituição ser, ao mesmo tempo, verticalmente construída e manter-se “jovem” com o passar do tempo. Estou pensando, aqui, na dimensão objetiva da juventude, frequentemente minimizada em face de seus aspectos mais simbólicos: a juventude como “moratória vital” na expressão de Margulis e Urresti (1996). Esta, para os sociólogos argentinos seria uma espécie de substrato material da juventude, o fato inescapável jovens possuem menos tempo de vida vivido e mais tempo de vida a viver, compondo uma espécie de estoque de futuro que já não possuem aqueles a quem chamam de “jovens sem juventude” (como poderíamos definir o próprio Rina bem como a quase totalidade dos pastores da BNC). Sendo permeada pela

figura de seu fundador e grande líder que passa, junto com todos as demais lideranças e todos os seres vivos, pelo inexorável processo de envelhecimento, quais as perspectivas da BNC manter-se com o sucesso que até agora teve no campo das igrejas de jovens?

Tendo em mente esta “juventude envelhecida” da BNC e buscando respostas para as questões acima levantadas, direciono agora meu olhar para uma outra igreja. Esta, não por acaso, uma igreja de jovens cujo estoque de futuro é maior que a da igreja até aqui apresentada. Uma jovem igreja de jovens, portanto, que poderá nos ajudar na compreensão dos fenômenos sobre os quais vamos nos debruçando.

A Onda Dura e a sua luta

A Onda Dura é uma igreja de jovens baseada na cidade de Joinville, Santa Catarina. Atualmente em fase de expansão, a igreja surge institucionalmente como o ministério de Jovens da Comunidade Cristã Siloé, ou apenas Siloé, igreja evangélica pentecostal, no ano 2000, segmentando-se desta no ano de 2015. O contexto de onde surge a Onda Dura é bastante interessante para as reflexões sobre o campo interseccional da juventude e religião. A Siloé tem como peculiaridade a centralidade do recorte geracional em sua construção. O site oficial da Comunidade faz constar tratar-se esta de “uma igreja servindo às gerações”. Organizava-se, até 2015, em quatro “bases”: Ministério X – Adultos; Onda Dura – Jovens; Adolas – Adolescentes; ZOOM – Crianças. Chama a atenção do fato do Ministério X, voltado para os adultos, tivesse como base a “Geração X” que, segundo a segmentação adotada pela igreja, contempla pessoas nascidas até 1984, e que é a base geracional sobre a qual a Bola de Neve se constitui como “igreja de jovens”, como visto anteriormente. Apenas complementarmente este ministério realiza trabalho com gerações anteriores, como os Baby boomers. O site traça inclusive um perfil da geração que o Ministério X pretendia alcançar.

CARACTERÍSTICAS DA GERAÇÃO X:

- É uma geração exigente e crítica;
- Preocupada com a sua família e com sua segurança;
- É acomodada;
- Gosta de conforto, de viajar e passear;
- São pessoas sociáveis, que apreciam o trabalho em equipe;
- Não gostam de rotinas, portanto, querem novidades;
- É espiritualista.¹⁵

A Onda Dura, que centralizava as atividades da Comunidade voltadas para o público jovem, por sua vez, era entendida como uma igreja voltada para a Geração Y. Segundo o jornal local “A Notícia”¹⁶, que fez matéria especial sobre o ministério/igreja em Fevereiro de 2015, a Onda Dura era denominada internamente à Comunidade como “Y”, em referência à geração que busca alcançar. Mantendo-se a lógica geracional, podemos deduzir que o Ministério Adolas, voltado para adolescentes, tem em mira a geração Z. Boa parte desta classificação foi refeita com a saída da Onda Dura do corpo da Siloé. Embora continue mantendo-se firme em sua base geracional, a igreja parece estar agora redesenhando seus ministérios de Adultos e de Jovens, que agora possuem também outros nomes.

É importante notar como a perspectiva geracional, ao longo de todo o trabalho aqui apresentado, não é assumida meramente como uma ferramenta analítica. Ela é parte constante do léxico das duas igrejas aqui estudadas, sendo mesmo uma das principais bases na construção da visão de mundo tanto da Bola de Neve como da Onda Dura. Portanto, se não são categorias “nativas”, entendo-as ao menos como mobilizadas primariamente pelos sujeitos do campo de estudo. Sendo assim, são as próprias igrejas meus informantes primários sobre os valores, imagens e significados atribuídos a cada geração. Dessa forma, ainda que não aceite como óbvios os valores atribuídos às gerações ou mesmo a pertinência da perspectiva geracional tal como adotada, tampouco procedo à crítica dos valores mobilizados por meus interlocutores. Meu interesse

¹⁵ Disponível em http://www.comunidadesiloe.com.br/2013/siloe.php?p=modulos/blog-1-x/site/post.php&mes=&ano=&id_categoria=&id_postagem=&t=Blog%20Minist%C3%A9rio%20X. Acesso em 11/05/2015.

¹⁶ Disponível em http://www.clicrbs.com.br/sites/swf/an_grafico_ondadura/index.html. Acesso em 18-05-2015.

aqui é destacar como, ao trabalhar com um duplo recorte, sobrepondo gerações históricas (fixas no tempo) a faixas etárias (transitórias nas biografias), a Comunidade Cristã Siloé, a menos que passe a periodicamente redefinir os nomes e os escopos de atuação de seus ministérios, acaba por atribuir valores sociológicos e psicológicos de fundo histórico a etapas cronológicas da vida. No caso da Onda Dura, a juventude passa a ser associada ao “perfil”, atribuído por alguma literatura e pelos media ao que entendem por Geração Y. O que acontecerá quando os jovens da geração Y se tornarem adultos? Esta é uma questão que aponta, evidentemente, para a história da BNC, acima analisada. A transformação de um *ministério de jovens* em uma *igreja de jovens* tem a implicação imediata de cristalizar a juventude de uma *geração*, transformando-a no paradigma de juventude. Se, por um lado, isso faz com que este modelo de juventude se espraie por outras gerações, por outro, pode levar a um distanciamento das gerações mais novas que podem não enxergar suas imagens no espelho da *geração y*. Se isso será um problema para a Onda Dura, entretanto, ainda é muito cedo para dizer, cabendo a nós apenas acompanhá-la ao longo dos anos. No entanto, uma das consequências imediatas previsíveis, tomando o exemplo da BNC, é a sobreposição da juventude à vida adulta, uma vez que a passagem dos sujeitos a um ministério de adultos deixa de ser esperado ou, ao menos, desejado, (com todas as dificuldades que um ministério de adultos geracionalmente marcado carrega). Interessa-me, sobretudo, pensar as implicações da constituição da Onda Dura como Igreja nos agenciamentos da juventude.

Tal como a BNC, a condição geracional da Onda Dura define em grande parte sua penetração no campo evangélico. Frequentada e liderada quase exclusivamente por jovens, muitos deles ainda adolescentes, é difícil encontrar nela qualquer elemento que remeta à tradição teológica, litúrgica ou mesmo arquitetônica das igrejas evangélicas no Brasil que não tenha passado por uma rigorosa releitura a partir das culturas juvenis e da experiência de juventude nestas culturas. No binômio “jovem evangélico”, muitas vezes parece que é o “jovem” que detém a primazia, é ele que fornece o sentido à experiência religiosa. Se a BNC replica, em suas celebrações, o modelo da *casa de show*, a

referência espacial, performática e até corporal mais apropriada para entender a Onda Dura de Joinville deve ser a *balada*. Tal posição não se ocupa, evidentemente, sem muita controvérsia.

Em pregação no ano de 2015, Pastor Lipão, seu fundador e líder, menciona uma série de reportagens feitas pela mídia de todo o país sobre a Onda Dura. Nos comentários destas matérias, recebeu críticas aparentemente moderadas. Para seu espanto, afirma, as críticas mais vorazes vieram quando as reportagens começaram a ser replicadas na mídia evangélica. Sem mencionar o teor das destas, conclui, em tom de deboche: “e eu pensava que eles eram meus irmãos”. A internet, o principal meio de comunicação utilizado pela *geração* frequentadora da igreja, é também um dos meios mais propícios para o florescimento das disputas em que a Onda Dura e, especialmente, o “Pastor Lipão”, na figura de seu representante, se inserem ao forçarem (e, muitas vezes, romperem) os limites da relação entre juventude evangélica e as juventudes seculares. Dada a condição de espaço relativamente aberto e multivocal da rede, são frequentes as ocasiões em que Lipão e os membros da igreja se veem em meio a críticas, no ambiente virtual, que, não raro, evoluem para acirrados debates.

Um exemplo destas controvérsias em se inscreve a Onda Dura é uma situação bastante concreta vivenciada pelo pastor líder da igreja. Acusado de “apologia ao crime ou ao ato criminoso envolvendo a relação sexual entre jovens menores de idade” pelo teor de uma de suas pregações, Felipe Falcão teve de explicar-se à justiça. Segundo o jornal “A Notícia”, “na decisão, o juiz considerou que a denúncia citava trechos isolados da pregação feita por Lipão, o que não caracterizaria apologia e que o objetivo do pastor é ‘somente a formação do caráter dos jovens, de acordo com a sua crença’”¹⁷. O caso em questão ilustra a condição peculiar da Onda Dura dentro da sociedade joinvilense. Sua condição de igreja evangélica é frequentemente questionada ou

¹⁷ A Notícia. “O que é a Onda Dura, igreja que reúne 2,5 mil jovens fiéis em Joinville”. Caderno especial, 05/03/2015. Disponível em <http://anoticia.clicrbs.com.br/sc/geral/joinville/noticia/2015/03/o-que-e-a-onda-dura-igreja-que-reune-2-5-mil-jovens-fieis-em-joinville-4711721.html>. Acesso em 15/05/2015.

minimizada em face à sua condição de movimento¹⁸ de jovens, como se pretende. A igreja que parece uma balada onde os jovens mais do que tudo socializam, onde a corporalidade remete mais aos espaços de entretenimento juvenil que a de igrejas pentecostais e que reconhece que “nem parece uma igreja” precisa, a todo momento, afinal, provar que o é. Por outro lado, a preocupação em dialogar com as linguagens das juventudes seculares – de onde, afinal, saem os convertidos que realizam em plenitude a missão evangelística de qualquer igreja evangélica – faz com que a igreja torne-se alvo de crítica de atores seculares com os quais entram em disputadas simbólicas.

Eu vou lutar!

Em Janeiro de 2015, a Onda Dura começou a veicular pela internet e em outdoors pela cidade de Joinville o material publicitário referente ao que seria sua primeira convenção evangelística. O tema escolhido para tal convenção foi “Eu vou lutar!”. Dois vídeos promocionais muito bem produzidos, com linguagem moderna e certa coloração *vintage* começaram a circular pelo Facebook, convocando os jovens à participação em tal convenção. No primeiro deles, publicado em 21 de março de 2015, um *teaser*, uma voz juvenil com uma batida de hip hop ao fundo afirma fazer uma “declaração (...) pública e oficial de luta” enquanto uma sequência de imagens alternam-se rapidamente. A série de imagens, a maioria delas icônicas do século XX, contempla registros de protestos de rua dos anos 60, o Reverendo Martin Luther King Jr., Madre Teresa de Calcutá, crianças aparentemente africanas em situação de fome, a menina vietnamita correndo com queimaduras após bombardeio, Albert Einstein, entre outras. Estas intercalam-se com imagens simulando a prática do pugilismo encenadas pelos próprios membros da igreja, incluindo o Pastor. O segundo vídeo, uma chamada protagonizada também por Lipão, convoca os jovens para a “luta”:

¹⁸ Movimento é um termo que a igreja frequentemente usa para referir-se a si própria, em um de seus esforços para traduzir-se como algo que vá além da igreja, ao mesmo tempo, aproximando-se do léxico corrente entre muitas juventudes urbanas.

Eu vou lutar é a nossa forma de dizer ‘eu não me conformo como o mundo está’, ‘eu não me conformo como o Brasil está’, ‘eu não me conformo com a pobreza’, ‘eu não me conformo com a corrupção’, mas não se conformar não é simplesmente ficar sentado, olhando o circo pegar fogo, mas é se posicionar e ter atitude em relação àquilo que tem acontecido no mundo. O convite de Jesus pra nós, no novo testamento, é justamente esse: lutem! Lutem pelo Evangelho, lutem pela Igreja, lutem pelo órfão, lutem pela viúva, lutem pelo pobre, lutem pelo presidiário, lutem por justiça.¹⁹

Mais uma vez, portanto, a Onda Dura chama sua membresia e, principalmente, jovens que ainda não a frequentam, para que engajem-se em uma *luta* que parece estar no mundo. É, afinal, ao *mundo* que se refere o Pastor, aos seus problemas, especialmente às injustiças e desigualdades. Embora afirme, no vídeo, que não se trata de uma “luta partidária ou política”²⁰, trata-se evidentemente de um chamado à intervenção no mundo de forma a alterar correlações de força e disparidades de poder. Política, portanto, em sentido pleno. O Pastor afirma, a exemplo do que diz em relação à própria igreja, que “Eu Vou Lutar! Começa numa conferência, mas na verdade ‘Eu vou Lutar!’ é um movimento de luta, luta pelas causas de Cristo”²¹.

Meses antes da circulação dos vídeos, a dimensão política da conferência e a mobilização de um léxico caro aos movimentos sociais já provocava polêmica na internet. No dia primeiro de Janeiro de 2015, a igreja postou em seu perfil no *facebook*, referindo-se ao “Eu Vou Lutar!” como uma espécie de campanha evangelística anual, afirmando ser aquele o ano em que “vamos levantar uma bandeira de justiça social e um movimento de transformação da sociedade, que começa com o cidadão e alcançará o eleitorado”.

Três dias depois, em 4 de Janeiro, um professor de história da redes pública e de escolas privadas da cidade de Joinville e militante de movimentos sociais há mais de 10 anos postou, em sua página no facebook:

¹⁹ “Chamada Conferência Onda Dura – Eu Vou Lutar (Pr. Lipão)”, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=BdGnXo1XNEA>, visto em 10/09/2016.

²⁰ Idem

²¹ Idem

Eu acabei de ler sobre o plano da Onda Dura para 2015. Pelo que entendi a luta (sim, eles utilizam o termo) será por um movimento (sim, eles utilizam o termo) por justiça social (sim, eles utilizam o termo).

Eu tenho algumas dúvidas sobre a perspectiva de luta. Entre as minhas dúvidas, gays, trans, bi, lésbicas são aceit*s na "luta"? E as mulheres que lutam por seus direitos?

Outra questão, como será a perspectiva de "interferir no processo eleitoral"? Acontecerá uma saída do armário político partidário da instituição religiosa Onda Dura? É certo lutar por "justiça social" abraçados com políticos que detonam as escolas públicas estaduais?²²

Estando a Onda Dura muito presente na cidade e sendo o referido autor das indagações muito próximo de jovens da igreja, pela condição de professor, e dos movimentos sociais pelo histórico de militância, não tardou para que a postagem assumisse tons de debate público. Ele estendeu-se ao longo de 222 comentários, especialmente depois que, *marcado*²³ pela prima do autor da postagem e membro da igreja, o próprio Pastor Lipão (com seu nome pessoal, Felipe Falcão) tomou parte nas discussões.

Inicialmente, Felipe Falcão limitou-se a explicar-se sumariamente, afirmando: “Queremos cooperar na construção de um país mais justo, como vocês tbm [também] querem, paz”. Indagado por um comentador sobre o que seria o mundo mais justo, o Pastor replica: “Um país que ame mais ao próximo”. Em seguida, respondendo à crítica (recorrente no contexto evangélico contemporâneo) de que a Onda Dura não é mais que uma empresa, Falcão estende-se mais na réplica.

Não sei o que levou vc a pensar dessa forma. Mas não somos uma empresa e não somos abitolados. Seguimos a Cristo e nos esforçamos para fazer o que ele fez, amar o próximo. Para vc entender o que estou falando. Vc acha justo a escravidão? O preconceito racial? O descaso com órfãos? A guerra? A corrupção? Com certeza você não acha. Pensamos da mesma forma. Lutamos pela justiça.

²² Disponível em <https://www.facebook.com/maikon.j.duarte/posts/10153521329057564>

²³ Prática do facebook em que alguém “convoca” alguém a visualizar determinado conteúdo *linkando* seu nome, de forma que a pessoa marcada seja notificada e possa tomar parte nos comentários ao conteúdo.

Falcão, então, segue sendo questionado já por vários interlocutores que começavam a criticar posturas aparentemente sectárias e discriminatórias de membros da igreja em situações cotidianas, assim como uma resposta do próprio Pastor que citava ações assistencialistas a “drogados” e “mendigos”. Indagado sobre que tipo de ação a igreja pretendia desenvolver na sociedade, os fundamentos teológicos que a motivam e, mais contundentemente, que tipo de pretensões eleitorais teria ela, Felipe Falcão volta a se manifestar.

Até agora quem foi preconceituoso foram vocês, em nenhum momento eu agi com desdém com ninguém nesse debate. Quanto a Campanha #EuVouLutar será uma campanha que faremos ao longo do ano sobre consciência social, ecológica, familiar e outros temas. A idéia é mudar a sociedade a partir da base dela, os cidadão (sic). Eu vi que alguns de vocês conhecem um pouco de história, sendo assim, vocês devem saber que praticamente tudo que conhecemos de justiça, partiu de discípulos de Cristo. Abolição da escravatura, direitos sociais, hospitais, orfanatos, tratamento de dependentes, AA, NA e muitas outras frentes de justiça foram encabeçados por pessoas que seguem a Cristo. Nenhuma outra instituição fez tanto pelo próximo quanto a igreja, mesmo com suas falhas e erros. É exatamente isso que queremos ser igreja para fora da igreja, queremos mostrar Jesus de maneira prática. Concordo com o fato de que hoje a igreja tem sido intolerante e preconceituosa, eu luto para que seja o contrário. Tanto é que na Onda todos são bem vindos, seja qual for a orientação sexual, status social, ideologias políticas, etc.

Quanto mais se envolvia no debate, mais difícil tornava-se a vida do Pastor. Embora suas postagens recebessem número desproporcionalmente alto de *curtidas*, considerando que travava uma batalha em “território inimigo”, o que sinaliza que possivelmente estivesse sendo acompanhado de perto por seus seguidores, apenas dois ou três destes entraram na discussão. Felipe Falcão passa a ser questionado sobre questões pontuais de sua fala que aproximam-se de demandas recorrentes dos movimentos sociais históricos e contemporâneos, como o racismo e a discriminação a populações LGBT. Às 12:57 do dia 5 de Janeiro, uma de suas interlocutoras dispara uma série de questionamentos a Falcão:

Pastor, qual o posicionamento da Onda Dura no amparo a travestis e transexuais?

O que a igreja tem feito nesse sentido?
 Qual o posicionamento da OD no enfrentamento ao preconceito racial? O que a igreja tem feito para diminuir o preconceito e combater as milhares (sic) de vítimas mortas por ele?
 Qual o posicionamento da igreja sobre distribuição de renda e direito(sic) ao campo?
 Que amparo vocês tem dado a pessoas vivendo?
 Estou curiosa para entender algumas questões da pauta OD.

E em seguida, a mesma interlocutora volta aos questionamentos:

Se uma mulher casada com um membro (sic) da Onda Dura sofre violência doméstica, a igreja denuncia ou resolve as coisas com deus antes?
 Já que estamos falando de luta, uma igreja que ampara mais de 3 mil pessoas tem algum acúmulo sobre violência conta a mulher né? Que ações a OD tem realizado? Estou realmente muito curiosa pra saber.

Em vez de oferecer respostas diretas, mesmo que para afirmar que aquelas não são questões levantadas pela igreja, as duas últimas respostas do Pastor falam sobre um projeto de assistência social que estaria sendo elaborado pela igreja.

Temos ensinado as pessoas a amarem seja quem for. De maneira organizada vamos iniciar o Projeto Hope nesse ano que tem como alvo 4 coisas: Orfanato. Clínica de Reabilitação. Atendimento a família carente (profissionalização, vestimenta, alimento, etc.). Lar para grávidas de risco.

O debate prossegue, mas já sem Felipe Falcão, substituído na *luta* (como seus interlocutores fazem questão de frisar), por alguns membros da igreja. A dificuldade de interlocução em questões cruciais para os movimentos sociais que reivindicam a posição “de luta”, especialmente aqueles com posicionamentos mais à esquerda demonstram a dificuldade da Onda Dura inscrever-se no campo das lutas sociais, especialmente caras ao segmento da juventude sobre o qual a igreja deseja agir, a saber, jovens urbanos de classe média e média baixa, estudantes secundaristas ou universitários, adeptos de estilos alternativos (especialmente tatuagens e piercings visíveis). Questões

como sexualidade, violência doméstica e inclusão LGBT²⁴ colocam a igreja em rota de colisão com movimentos que historicamente ocupam os espaços que a igreja insinua querer também começar a ocupar. A ação da igreja na transformação do mundo, em toda a ambiguidade de quem pretende alcançar o eleitorado, mas se diz apolítica, parece mais uma vez estreitar-se sob a ótica de sua *restauração*.

O teor das ministrações da polêmica conferência revelou que o tipo de “luta” a que a igreja se referia era, de fato, muito diferente daquela a que os militantes sociais foram levados a acreditar pelas referências verbais e imagéticas do material publicitário da igreja. Com os respectivos temas “Entre no ringue”, “Eu vou lutar contra o Eu”, “Não vou procrastinar meu progresso”, “Eu vou lutar integralmente”, “Não vou perder oportunidades” e “Manifestando a glória de Deus”, a igreja deixa claro que “Eu vou lutar!” refere-se mais ao “Eu”, sujeito da oração que ao inimigo (oculto na expressão) que propriamente a uma luta de natureza política mais orientada para a “justiça social”. A tônica era sempre a do aperfeiçoamento pessoal, da ideia de que a melhor forma de se interferir positivamente no mundo é ser um “bom cristão”. E ser um bom cristão tem como primeira consequência, sempre, ter a sua própria vida *restaurada*, receber sobre si as *bênçãos* de Deus. Em geral, as pregações pouco diferiam daquelas que se poderia ouvir na BNC.

Na abertura da Conferência, Pastor Lipão aborda a relação entre ação política e a geração Y, ecoando a interpretação já vista aqui do Apóstolo Rina. Afirma ele que “o problema da nossa geração é que a gente quer morrer dormindo, porque na verdade esse é o retrato da nossa geração, uma geração que dorme, uma geração passiva”. Explorando o que afirma ser a falta de heróis desta geração, Lipão continua:

Porque talvez você pense “ah, Lipão, a gente não tem heróis porque não existem motivos pra lutar”. Será? Será que a má educação não é um motivo pra lutar? Será? Será que a corrupção não é um motivo pra lutar? Será que a ignorância espiritual da igreja brasileira não é um motivo pra lutar? Será

²⁴ Sobre relação entre atuação política evangélica e questões LGBT ver VITAL DA CUNHA e LOPES (2012) e TREVISAN (2015).

que a escassez do evangelho na Europa não é um motivo pra lutar? Será que a falta de atendimento médico não é uma causa pra lutar? A pergunta que te faço é: nos faltam motivos pra lutar? Não faltam motivos pra lutar.

Ao apontar os caminhos desta luta, Lipão, no entanto, direciona sua crítica ao que entende ser a principal forma de luta política desta geração.

Mas sabe qual o problema? Sei que vou arrumar briga falando isso, mas não dá nada, tamo (sic) aqui pra lutar. O problema é que a gente acha que luta indo protestar na rua, sabe? “Vamos lutar pelo Brasil”. Uau. “Fora Dilma Rousseff”. A pergunta que eu te faço é: você tem se preparado para ser um bom professor dessa próxima geração? “Não, eu quero ganhar dinheiro”. O que que adianta protestar? “Fora governo socialista comunista”. Você tem se preparado para ser um político não corrompido? Você tem se preparado pra isso? Sabe quantos aqui no nosso meio, e é obvio que isso é uma amostra de uma geração toda, que olha pro mundo e fala “esse mundo tá uma grande inhaca”, mas olha pra esse mundo que tá uma grande inhaca e fala o que? “Eu luto protestando. Eu luto indo pra rua”. E não tem nenhum problema em ir pra rua, não pensem que eu estou falando que é errado a gente fazer isso, pelo contrário, faz parte da democracia, mas o que estou falando é que isso não é uma postura de luta. O maior protesto que nós deveríamos fazer, sabe o que que é? Não faltar a nossa faculdade, pra não ser um incompetente quando você for um médico. O maior protesto que você deveria fazer é obedecer às autoridades.

Embora reconhecendo a pertinência dos protestos de rua, Lipão retira destes toda a sua eficácia. Apesar de reconhecer a corrupção e uma suposta inidoneidade do governo, o Pastor da Onda Dura chega à conclusão – surpreendente se considerarmos a proposta de luta por transformação social, mas previsível à luz da postura da Igreja no Brasil, Igreja esta, contudo, a que a OD pretende se opor – que o maior protesto que os sujeitos que o ouvem, todos jovens, devem fazer é obedecer às autoridades. O caminho para a superação da passividade não parece ser o engajamento político, mas o engajamento nas atividades da própria igreja, entendida como o meio adequado de ação no mundo. Relevado o peso da crítica esperada de um dissidente, tal entendimento vai ao encontro do que afirma um ex membro da Onda Dura. Tendo iniciado militância em organizações de esquerda e no movimento estudantil, diz ele,

sentiu-se pressionado pelas lideranças a fazer uma escolha, pois sua atuação política seria incompatível com a participação na igreja, uma vez que “não daria conta de tudo”. Por isso, afirma ele, hoje já distante da igreja, que o propósito por trás do slogan “Eu vou lutar!” era simplesmente “fazer novos discípulos” através do acionamento de um discurso de engajamento político que teria, nesse caso, entrada nos grupos sociais a que a igreja desejava ter acesso.

Conclusões

O fenômeno das igrejas de jovens é um campo ainda largamente à espera de investigação. Ainda que claramente localizadas na interface entre juventude e religião, estas igrejas demandam especial atenção nesse campo, pois oferecem respostas singulares às crises de representação institucional que afetam as igrejas, especialmente na sua relação com as juventudes. Se o que se observa é a tendência à flexibilização dos laços de pertença e a formação de religiosidades compósitas, originais e resistentes à institucionalização, as igrejas de jovens fazem a aposta no sentido contrário. Ainda que expostas a estas novas formas de religiosidade sem religião que permeiam também o campo evangélico brasileiro, nestas igrejas a adesão institucional, via participação nas suas atividades, é desejada e altamente estimulada. Isso, de tal forma que, não raro, as lideranças precisam interromper o fluxo de “convocações” e direcionarem-se aos seus fiéis para que aplaquem a ansiedade de ocupar postos de destaque e aceitem também responsabilidades mais prosaicas.

A reversão nas tendências à desinstitucionalização é conseguida, portanto, com a aposta na juventude e nos atributos a ela associados. Na Bola de Neve Church, campo que ofereceu mais vasto material para o trabalho aqui apresentado, a juventude é entendida como dotada de potencial crítico e contestador, avessa à autoridade, espontânea e ciosa de sua autenticidade. É sempre com essa imagem em mente que os pastores direcionam-se às suas audiências, esforçando-se para estimular formas de participação que não remetam a compromissos institucionais que não tenham como razão primeira o desejo (da relação com Cristo Jesus). A Onda Dura, a seu turno, ao incorporar

os atributos de juventude culturalmente disponíveis em seu tempo, como fez a BNC, trouxe para a igreja os valores de protagonismo e luta juvenil como forma de estimular o engajamento de uma geração vista como passiva (no que concordam as lideranças das duas igrejas) nas atividades da Igreja.

Na BNC, aquilo que chamo de modalidades ativas de ação quase sempre são agenciadas em contextos que não extrapolam os limites mais estritos daquilo que entendem como domínio do *espiritual*. A “luta” em que se inscrevem acontece, portanto, em um domínio outro de realidade que “impacta” mas não pode ser confundido com o domínio imanente da sociedade historicamente construída. As metáforas empregadas para evocar as situações de luta são sempre explicitamente bíblicas (cristãos como guerreiros, bíblias como espadas, batalhas contra principados e potestades, Jezabel e a Babilônia que deve cair), com especial apreço à figura de Paulo. Todas referências distantes demais da vida cotidiana de todos ali para que fossem entendidas de forma literal.

Em Paranaguá, os maiores guerreiros da BNC certamente lutavam na *torre de oração (e intercessão)*, espaço bastante restrito da igreja em que a *elite* de seus guerreiros empenhavam-se em sessões de oração que atravessam os dias. A intervenção no mundo era vista sempre como uma consequência das ações dos sujeitos no plano espiritual. Embora estivessem sempre atentos a “problemas” como a fome e a guerra, dificilmente articulavam um discurso que pudesse ser entendido como político sem as considerações que faço aqui. As imagens e valores de juventude acionados pela igreja contemplavam antes a imagem da rebeldia e contestação cultural que a política. A transformação que as *novas gerações* farão será no mundo, mas, antes de tudo, na Igreja, à qual viam como sua missão, renovar. A linguagem da contracultura fazia bem mais sentido que a da revolução.

O episódio da conferência “Eu vou lutar!” da Onda Dura parece apontar para uma tendência à atualização das imagens culturais de juventude (FEIXA 1999) nas igrejas de forma que estas passem a incorporar mais objetivamente o discurso da ação política em suas construções. Uma espécie de consciência às responsabilidades dos jovens no mundo, decorrentes da posição destes na

sociedade e suas lutas por protagonismo político, levou a igreja a mobilizar-se em um “movimento” de “luta” por “justiça social”. Não estando, entretanto, inserida no campo das lutas sociais e, logo, não sendo reconhecida como tal por aqueles que deveriam ser seus pares em uma luta desta natureza, suas formas religiosamente motivadas de agir no mundo demonstraram dificuldade de interlocução com as juventudes seculares “de luta”. Estas acusaram a igreja de estar acionando as imagens de luta como mera estratégia de marketing de forma a ampliar seu escopo de ação evangelística, agora sobre novos setores das juventudes contemporâneas, em crescente destaque desde as Jornadas de Junho. A existência de um fluxo de jovens entre movimentos sociais e igreja²⁵ aponta, entretanto, para a necessidade de um olhar mais atento aos agenciamentos promovidos pela igreja nesse campo, o que fica para futuras pesquisas.

O que Bola de Neve Church e Onda Dura parecem ter em comum é uma tensão decorrente da transformação da juventude nessa espécie *paradigma* de modo de estar no mundo. Incapazes de incorporar uma imagem definitiva do que seria “a juventude” (e não desejosas da construção de sua própria imagem, que logo estaria adjetivada e circunscrita), pela própria característica continuamente emergente da desta condição, as igrejas precisam se manter em constante atualização e rejuvenescimento. O desaparecimento das referências à *X Gen* na identidade da BNC é fruto desta tensão. A superposição de várias juventudes mais ou menos envelhecidas pode levar, contudo, à hipervalorização da juventude como símbolo, descronologizada, em detrimento da juventude considerada como reserva vital (Mannheim 1968, Margulis e Urresti, 1996) mais ancorada num substrato material de “novidade” e disponibilidade de futuro que fundamenta as dimensões contestatórias e experimentais das juventudes. Tornada a juventude condição permanente, estas igrejas parecem imediatamente iniciar um processo de adultificação da juventude em simultâneo ao processo que corre em contrário. O esforço de “formação de cidadãos”, comum a ambas as igrejas, age no contrafluxo das experiências de juventude,

²⁵ Fluxo que lembra aquele dos jovens das culturas juvenis urbanas, especialmente do *hardcore* e do *surf*, e a Bola de Neve.

imobilizando-as e tornando-as cativas do adultocentrismo que elas próprias tanto se esforçam em combater.

Referências bibliográficas

- BOURDIEU, Pierre. 1983. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero. P. 112-121.
- BORELLI, Silvia Helena Simões; OLIVEIRA, Rita de Cássia Alves. 2010. Jovens urbanos, cultura e novas práticas políticas: acontecimentos estético-culturais e produção acadêmica brasileira (1960-2000). *Utopía y Praxis Latinoamericana*. Ano 15, nº 50. Julio-Septiembre, pp 57-69.
- CUNHA, Magali do Nascimento. 2007. **A Explosão Gospel**: um olhar das ciências humanas sobre o cenário evangélico no Brasil. Rio de Janeiro: MauadX.
- DEBERT, Guita Grin. 2010. **A dissolução da vida e a juventude como valor**. *Horizontes Antropológicos*, vol.16, 34, Porto Alegre, Jul/Dec.
- DOLGHIE, Jacqueline Zirolto. 2004. **A Igreja Renascer em Cristo e a consolidação do mercado de música gospel no Brasil**: uma análise das estratégias de marketing. *Ciências Sociais e Religião*, v. 6, n. 6.
- ELLWOOD, Robert S.. 1973. **One Way**. The Jesus Movement and its meanings. New Jersey: Prentice Hall.
- ERIKSON, Erik. 1987. **Sociedade y adolescencia**. 11a ed. México: Siglo Veintiuno.
- FEIXA, Carles. 1999. **De Jovenes, Bandas y Tribus**: antropología de la juventud. Barcelona: Ariel.
- _____. 2011. **Unidos por el flog: ¿ciberculturas juveniles?** *Revista Nuevas Tendencias en Antropología*, nº 2, pp. 16-36

FERNANDES, Sílvia Regina. 2007. **Adesão religiosa no segmento juvenil: apolitização ou reinvenção da política?** Seropédica. Rio de Janeiro: EDUR, v. 29, n. 2, p. 152-165, jul./dez.

GALINDO RAMIREZ, Liliana. 2012. **Política, juventud e Internet: Transformaciones y perspectivas de comprensión en América Latina.** Utopía y Praxis Latinoamericana. Ano 17, nº 57. Abril-Junho, pp 11-30.

GROPPO, Luís Antonio. **Teorias críticas da juventude: geração, moratória social e subculturas juvenis.** Em Tese, Florianópolis, v. 12, n. 1, p. 4-33, jul. 2015. ISSN 1806-5023.

HERVIEU-LÉGER, Danièle. 2008. **O peregrino e o convertido:** a religião em movimento. Petrópolis: Vozes.

JUNGBLUT, Airton Luiz. 2007. **A salvação pelo rock:** sobre a "cena underground" dos jovens evangélicos no Brasil. , Rio de Janeiro, v. 27, n. 2, p. 144-162, dez, 2007

NOVAES, Regina. 2004. **Os jovens sem religião: ventos secularizantes, espírito da época e novos sincretismos.** Estudos Avançados, 18 (52): 321-330, set./dez.

_____. 2013. **Sobre números e Narrativas estabelecidas:** alguns comentários ao artigo de Clara Mafra. Debates do NER, Porto Alegre, n. 24.

MAFRA, Clara. 2013. **Números e narrativas.** Debates do NER, Porto Alegre, n. 24.

MANNHEIM, Karl. **O problema da juventude na sociedade moderna.** In: BRITTO, Sulamita de. (org.). Sociologia da juventude. Vol. I, Rio de Janeiro: Zahar, 1968, p. 69-93.

MARGULIS, Mario; URRESTI, Marcelo. 1996. **La juventude es más que una palabra.** In: MARGULIS, Mario (editor). La juventude es más que una palabra. Buenos Aires: Biblos, 1996, p. 13-30.

- MARIZ, Cecília Loreto. 1999. **A teologia da batalha espiritual**: uma revisão da bibliografia. Bib - Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais, Rio de Janeiro: n.47, p. 33-48.
- MEAD, Margaret. 1970. Culture and Commitment: a study of the generational gap. New York: Garden City.
- REFKALEFSKY, Eduardo e DURÃES, Aline. 2007. **Segmentação na propaganda religiosa**: Bola de Neve Church e o evangelho para a geração Y. Trabalho apresentado no XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Santos.
- SIEPIERSKI, C. T. 2001. **De bem com a vida**: o sagrado num contexto em transformação. Um estudo sobre a Igreja Renascer em Cristo e a presença evangélica na sociedade brasileira contemporânea. Tese de doutorado, Universidade de São Paulo.
- TREVISAN, Janine. 2015. **Pentecostais e movimento LGBT nas eleições presidenciais de 2014**. Debates do NER, ano 16, n. 27, p. 289-321. Porto Alegre: jan./jun.
- TUCHERMAN, Ieda. 2004. **Forever Young**: a juventude como valor contemporâneo. Revista Logos – Comunicação e Universidade, n. 21 - Comunicação e Religiosidades, v. 2
- VITAL DA CUNHA, Christina; LOPES, 2012. Paulo Victor Leite. **Religião e Política**: uma análise da atuação de parlamentares evangélicos sobre direitos das mulheres e de LGBTs no Brasil. Rio de Janeiro: Fundação Heinrich Böll
- ZIMMERMANN, Elton Colini Gonçalves. 2013. **Tolo é aquele que diz que tempos bons foram os do passado**: juventude e pentecostalismo em uma Bola de Neve Church. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social. PPGAS/UFPR, Curitiba.